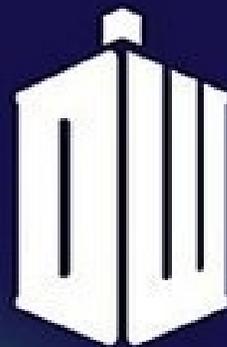


BBC

DOCTOR WHO



NEIL
GAIMAN

HORA NENHUMA

ROCCOJHIAN

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Neil Gaiman

Hora Nenhuma

Tradução
Renata Pettengill

ROCCO ITALIA

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

1

2

3

4

5

6

7

8

Sobre o autor

Créditos

Os Senhores do Tempo construíram uma Prisão. Eles a ergueram em uma época e lugar além do alcance da imaginação de qualquer criatura que nunca tenha saído do sistema solar no qual foi gerada, ou que só tenha viajado no tempo de segundo em segundo, e sempre em direção ao futuro. Ela foi construída especialmente para o Kin. Era impenetrável: um complexo de pequenos cômodos (afinal, eles não eram seres desnaturados, os Senhores do Tempo – sabiam ser piedosos quando lhes convinha) fora de sincronismo com o restante do Universo.

Só havia esses cômodos naquele lugar: o intervalo entre microssegundos era de um gênero que não podia ser transposto. Na prática, os aposentos se tornaram um universo em si mesmos, do tipo que pegava emprestados luz, calor e gravidade do restante da Criação, sempre uma fração de instante além.

O Kin rondava pelos quartos, paciente e imortal, e sempre à espera.

Ele estava à espera de uma pergunta. E poderia esperar até o fim dos tempos. (Mas, quando chegasse o Final dos Tempos, o Kin não o presenciaria, aprisionado no micromomento afastado do tempo.)

Os Senhores do Tempo mantinham a Prisão com o auxílio de enormes motores construídos no coração de buracos negros, inalcançáveis: ninguém além dos próprios Senhores do Tempo conseguiria chegar até eles. Os vários motores eram à prova de falhas. Nada jamais poderia dar errado.

Enquanto os Senhores do Tempo existissem, o Kin permaneceria em sua Prisão e o universo estaria a salvo. Assim era, e assim sempre seria.

E, se algo desse errado, os Senhores do Tempo saberiam. Mesmo na inconcebível hipótese de um dos motores falhar, alarmes soariam em Gallifrey muito antes de a Prisão do Kin voltar ao nosso tempo e ao nosso universo. Os Senhores do Tempo haviam se preparado para tudo.

Eles haviam se preparado para tudo, menos para a possibilidade de um dia não haver mais Senhores do Tempo, nem Gallifrey. Nada de Senhores do Tempo no universo, exceto por um.

Então, quando um tremor abalou as estruturas da Prisão e ela desmoronou, como se atingida por um terremoto, lançando o Kin ao chão; e quando o Kin ergueu os olhos de sua Prisão e viu a luz das galáxias e dos sóis lá no alto, sem bloqueios nem filtros, e percebeu que havia retornado ao universo, soube que seria apenas uma questão de tempo até que a pergunta fosse feita novamente.

E, porque o Kin era meticoloso, fez um balanço do universo em que se encontrava. Não pensou em vingança: aquilo não era de sua natureza. Ele queria o que sempre desejou. E, além do mais...

Ainda restava um Senhor do Tempo no universo.

O Kin precisava dar um jeito naquilo.

Na quarta-feira, Polly Browning, de onze anos, botou a cabeça no vão da porta do escritório do pai.

– Papai, tem um homem lá fora com máscara de coelho dizendo que quer comprar a casa.

– Deixe de bobagem, Polly.

O sr. Browning estava sentado a um canto do cômodo que gostava de chamar de escritório, e que a corretora de imóveis havia otimisticamente classificado como um terceiro quarto, embora sua área mal desse para um armário-arquivo e uma mesa de jogos, sobre a qual havia um computador Amstrad novinho em folha. O sr. Browning registrava cuidadosamente os valores de uma pilha de recibos e torcia o nariz. A cada meia hora, salvava o trabalho realizado até o momento, e a máquina chiava por alguns minutos enquanto gravava tudo num disquete.

– Não é bobagem minha. Ele disse que vai pagar setecentos e cinquenta mil libras por ela.

– Isso, sim, é uma bobagem das boas. A casa está à venda por meras cinquenta mil libras.

E daríamos muita sorte de conseguir isso no mercado atual, ele pensou, mas não falou. Aquele era o verão de 1984, e o sr. Browning já perdia a esperança de achar um comprador para a modesta casa no fim da Claversham Row.

Polly moveu a cabeça para cima e para baixo pensativamente.

– Acho que o senhor devia ir lá falar com ele.

O sr. Browning deu de ombros. Ele precisava mesmo salvar o trabalho que havia feito até ali.

Enquanto o computador chiava, o sr. Browning desceu as escadas. Polly, que havia planejado subir para o quarto a fim de escrever no diário, resolveu sentar na escada e ver o que aconteceria.

À frente da casa havia um homem alto com máscara de coelho. Não era uma máscara muito convincente. Cobria o rosto inteiro, e duas orelhas compridas se projetavam para o alto. Ele segurava uma maleta grande de couro marrom, o que remeteu o sr. Browning às maletas de médico da sua infância.

– Escute aqui – começou o sr. Browning, mas o mascarado encostou um dedo enluvado nos lábios de coelho pintados, e o sr. Browning calou a boca.

– Pergunte-me que horas são – disse a voz sussurrante por trás do focinho imóvel da máscara de coelho.

– Pelo que pude entender, o senhor está interessado na casa – retrucou o sr. Browning.

A placa de *À VENDA* no portão estava suja e manchada pela chuva.

– Talvez. Pode me chamar de sr. Coelho. Pergunte-me que horas são.

O sr. Browning sabia que deveria chamar a polícia. Que deveria fazer algo para o homem ir embora. Que tipo de pessoa doida anda por aí com uma máscara de coelho, para começo de conversa?

– Por que o senhor está usando uma máscara de coelho?

– Esta não é a pergunta certa. Mas estou com a máscara de coelho porque represento uma pessoa muito famosa e extremamente importante que preza sua privacidade. Pergunte-me que horas são.

O sr. Browning suspirou.

– Que horas são, sr. Coelho? – perguntou.

O homem com máscara de coelho empertigou-se. Sua expressão corporal transparecia prazer e satisfação.

– É hora de você se tornar o homem mais rico da Claversham Row – respondeu. – Vou comprar sua casa, pagando em dinheiro vivo, e por mais de dez vezes o que ela vale, porque é simplesmente perfeita para mim neste momento.

Ele abriu a maleta de couro marrom e tirou dela maços de notas, cada um contendo quinhentas (“Conte-as, vamos, conte-as”) cédulas de cinquenta libras novinhas, e duas sacolas plásticas de supermercado, dentro das quais colocou os maços de dinheiro.

O sr. Browning inspecionou as notas. Não pareciam falsas.

– Eu... – Ele hesitou. O que tinha de fazer? – Vou precisar de alguns dias. Para depositar o dinheiro. Verificar se não é falso. E teremos de preparar contratos, obviamente.

– Os contratos já estão prontos – disse o homem com máscara de coelho. – Assine aqui. Se o banco disser que há algo errado com o dinheiro, o senhor pode ficar com ele e com a casa. Voltarei no sábado para tomar posse do imóvel já desocupado. O senhor consegue esvaziá-lo até lá, não consegue?

– Não sei – respondeu o sr. Browning. E, logo em seguida: – Tenho certeza que sim. Quer dizer, *é claro que sim*.

– Voltarei no sábado – disse o homem com máscara de coelho.

– Esse é um jeito muito incomum de fechar negócio – comentou o sr. Browning, parado à porta da casa segurando duas sacolas plásticas contendo setecentas e cinquenta mil libras.

– É – concordou o homem com máscara de coelho. – É, sim. Vejo o senhor no sábado, então.

E retirou-se a pé. O sr. Browning ficou aliviado ao vê-lo ir embora. Ele fora tomado pela convicção irracional de que, se o homem tirasse a máscara de coelho, não haveria nada embaixo.

Polly subiu para o quarto a fim de contar tudo o que vira e ouvira ao diário.

Na quinta-feira, um jovem alto de paletó de *tweed* e gravata-borboleta bateu à porta. Como não havia ninguém lá, ninguém atendeu, e, depois de dar a volta ao redor da casa, foi embora.

No sábado, o sr. Browning parou no meio da cozinha vazia. Ele havia depositado o dinheiro sem maiores problemas, o que eliminara todas as suas dívidas. Os móveis de que a família não quis se desfazer foram colocados num caminhão de mudanças e enviados para o tio do sr. Browning, que tinha uma garagem enorme e sem uso.

– E se isso for só uma pegadinha? – perguntou a sra. Browning.

– Não consigo imaginar o que haveria de engraçado em dar setecentas e cinquenta mil libras para alguém – retrucou o sr. Browning. – O banco disse que o dinheiro não é falso. Que não há registros de ter sido roubado. É só uma pessoa rica e excêntrica querendo comprar nossa casa por um valor muito maior que o dela.

Eles haviam feito a reserva de dois quartos num hotel ali perto, embora tenha sido mais difícil achar quartos de hotel disponíveis do que o sr. Browning imaginara. Além disso, teve de convencer a sra. Browning, que era enfermeira, de que agora podiam arcar com as despesas da estadia.

– O que acontece se ele não voltar nunca mais? – perguntou Polly.

Ela estava sentada na escada, lendo um livro.

– Não seja ridícula.

– Não chame sua filha de ridícula – interveio a sra. Browning. – Ela tem razão. Você não sabe o nome dele, não tem o número do telefone, nem nada.

Aquilo não era justo. Havia um contrato, e o nome do comprador constava dele com todas as letras: N. M. de Plume. Também havia o endereço de um escritório de advocacia em Londres, e o sr. Browning telefonara para lá e fora informado de que, apesar do nome esquisito, sim, o contrato era perfeitamente válido.

– Ele é excêntrico – respondeu o sr. Browning. – Um milionário excêntrico.

– Aposto que era ele por trás da máscara de coelho – disse Polly. – O milionário excêntrico.

A campainha tocou. O sr. Browning foi até a porta, a mulher e a filha ao lado, os três na expectativa de conhecer o novo dono da casa.

– Olá – disse a moça com máscara de gato no degrau da escada em frente à porta.

Não era uma máscara muito realista. Mas Polly viu os olhos da moça brilharem por trás do disfarce.

– A senhora é a nova proprietária? – perguntou a sra. Browning.

– Ou isso, ou sou a representante do proprietário.

– Onde está... seu amigo? O da máscara de coelho?

Apesar da máscara de gato, a jovem (será que era jovem? – pelo menos a voz soava assim) parecia a eficiência em pessoa, uma eficiência que beirava a indelicadeza.

– Os senhores retiraram todos os pertences da casa? Sinto informar que qualquer item deixado aqui passará a ser de propriedade do novo dono.

– Levamos tudo que era importante.

– Ótimo.

– Posso vir brincar no quintal? No hotel não tem área de lazer – disse Polly.

Havia um balanço pendurado no carvalho do quintal da casa, e Polly adorava ler sentada nele.

– Não seja bobinha, querida – comentou o sr. Browning. – Nós compraremos uma casa nova, e você terá um quintal com balanços. Vou pendurar vários balanços novos para você.

A moça com máscara de gato agachou-se.

– Sou a sra. Gato. Pergunte-me que horas são, Polly.

Polly assentiu com a cabeça.

– Que horas são, sra. Gato?

– Hora de você e sua família irem embora daqui sem olhar para trás – respondeu a sra. Gato, mas foi delicada ao falar.

Polly acenou um adeus para a moça com máscara de gato ao chegar ao fim da trilha de pedras do terreno.

Eles estavam na sala de controle da TARDIS, voltando para casa.

– Continuo sem entender – dizia Amy. – Por que o povo esqueleto ficou com tanta raiva de você, no fim das contas? Achei que eles *quisessem* se libertar do domínio do Rei-Sapo.

– Eles não ficaram com raiva de mim por causa *disso* – retrucou o jovem de paletó de tweed e gravata-borboleta. Ele passou os dedos pelo cabelo, demonstrando agitação. – Na verdade, acho que até ficaram bem felizes com a liberdade. – O Doutor percorreu o painel de controle da TARDIS com as mãos, puxando alavancas, tamborilando em mostradores. – Só ficaram um pouquinho chateados comigo porque saí de lá levando o treco enroscado deles.

– Treco enroscado?

– Está na... – ele apontou de um jeito impreciso, com braços que pareciam feitos só de cotovelos e articulações – ... naquela coisa mesalada ali. Eu o confisquei.

Amy aparentou irritação. Ela não estava irritada, mas às vezes gostava de dar a impressão de que estava, só para deixar claro quem mandava ali.

– Por que você nunca fala o nome das coisas direito? *Naquela coisa mesalada ali?* Aquilo se chama “mesa”.

Ela andou até a mesa. O treco enroscado era cintilante e delicado: o tamanho e a forma condiziam com os de uma pulseira, mas era retorcido de um jeito que tornava difícil acompanhar com o olhar as voltas que ele dava.

– Sério? Ah, bom. – Ele pareceu ficar satisfeito. – Vou me lembrar disso.

Amy pegou o treco enroscado. Era frio e muito mais pesado do que aparentava.

– Por que você confiscou isso? E por que raios está usando o verbo “confiscar”? Isso é, tipo, o que professores fazem quando você leva para a escola uma coisa que não devia ter levado. Minha amiga Mels bateu o recorde de coisas confiscadas na escola. Uma noite, ela fez Rory e eu criarmos um tumulto enquanto ela arrombava o armário de material escolar da professora, onde as coisas dela estavam guardadas. A Mels teve que passar pelo telhado e entrar pela janela do banheiro dos professores...

Mas o Doutor não estava nem aí para as proezas da ex-colega de turma de Amy. Nunca estava.

– Confiscado – insistiu ele. – Para o bem deles. Uma tecnologia à qual não deveriam ter tido acesso. Provavelmente roubada. Um acelerador e repetidor do tempo. Poderia ter causado uma tremenda confusão. – Ele puxou uma alavanca. – Chegamos. O desembarque é obrigatório.

Um ruído ritmado que lembrava algo sendo serrado fez-se ouvir, como se os motores do próprio universo protestassem, seguido por um deslocamento de ar, e uma grande cabine de polícia azul se materializou no quintal da casa de Amy Pond. Aquele era o início da segunda década do século XXI.

O Doutor abriu a porta da TARDIS e disse:

– Que estranho.

Ele ficou parado no vão da porta, sem se aventurar a pisar do lado de fora. Amy se aproximou dele, que estendeu o braço, impedindo-a de sair da TARDIS. O dia estava ensolarado, quase sem nuvens.

– Qual é o problema?

– Tudo – respondeu ele. – Não dá para sentir?

Amy percorreu o quintal com os olhos. O mato alto tomava conta do jardim malcuidado, mas, no fundo, foi sempre assim, desde que ela se entendia por gente.

– Não – disse Amy. E completou: – Que silêncio. Nenhum carro. Nem passarinho. Nada.

– Nem ondas de rádio – disse o Doutor. – Nem da Rádio Quatro.

– Você consegue ouvir ondas de rádio?

– Claro que não. Ninguém consegue ouvir ondas de rádio – retrucou ele, soando pouco convincente.

E foi aí que uma voz aveludada falou:

– Atenção, visitante. Você está entrando no espaço do Kin. Este planeta é propriedade do Kin. Você está invadindo esse espaço.

Era uma voz estranha, sussurrante, e, basicamente, Amy desconfiou, estava dentro da sua cabeça.

– Aqui é a Terra – gritou Amy. – Ela não pertence a você. – E acrescentou: – O que você fez com as pessoas?

– Nós compramos a Terra, e, pouco depois, todas as pessoas morreram de causas naturais. Uma pena.

– Não acredito em você – gritou Amy.

– Nenhuma lei galáctica foi transgredida. A compra do planeta foi realizada dentro da lei e de forma legítima. Uma investigação minuciosa conduzida pela Proclamação das Sombras atestou nosso direito integral de posse.

– O planeta não é seu! Cadê o Rory?

– Amy? Com quem você está falando? – perguntou o Doutor.

– Com a voz. Na minha cabeça. Você não está ouvindo?

– **Você está falando com quem?** – perguntou a Voz.

Amy fechou a porta da TARDIS.

– Por que você fez isso? – perguntou o Doutor.

– Voz sussurrante e esquisita dentro da minha cabeça. Contou que compraram o planeta. E que a... a Proclamação das Sombras disse que estava tudo certo. Falou que os habitantes da Terra morreram de causas naturais. Você não conseguia ouvir a voz. Ela não sabia que você estava aqui. Elemento-surpresa. Fechei a porta.

Amy Pond conseguia ser extremamente eficiente sob estresse. Naquele momento, estava sob estresse, mas ninguém diria, não fosse pelo treco enroscado, que ela segurava com as duas mãos e que se curvava e se retorcia, criando formas que desafiavam a imaginação e que pareciam estar sendo desviadas para dimensões singulares.

– A voz se identificou?

Amy parou um instante para pensar.

– “Você está entrando no espaço do Kin. Este planeta é propriedade do Kin.”

– Poderia ser qualquer um – disse o Doutor. – O Kin. Quer dizer... é como se autodenominar de Povo. Significa basicamente a mesma coisa que todo nome de raça. Menos no caso de Dalek. Que em skaroniano quer dizer *Máquinas Odiosas de Morte Revestidas de Metal*. – E então correu para o painel de controle. – Algo assim. Não acontece de um dia para o outro. As pessoas simplesmente não morrem em massa. E estamos em 2010. O que significa...

– Significa que fizeram alguma coisa com Rory.

– Significa que fizeram alguma coisa com todo mundo.

Ele digitou várias letras num teclado de máquina de escrever antiga, e uma série de padrões percorreu a tela do monitor pendurado acima do console da TARDIS.

– Eu não ouvia o que a voz dizia... ela não me escutava. Você conseguia ouvir a nós dois.

Transmissão telepática limitada, mas apenas em frequências humanas. Humm. *Arrá!* Verão de 1984! Esse é o ponto de divergência... – Suas mãos começaram a virar, torcer e mover alavancas, bombas de ar, interruptores e algo pequeno que fez *plim*.

– Cadê o Rory? Eu quero o Rory, e quero agora – exigiu Amy quando a TARDIS deu uma guinada pelo espaço-tempo.

O Doutor só tinha visto o noivo dela, Rory Williams, uma vez, e por breves instantes. Amy desconfiava que o Doutor não entendia o que ela vira em Rory. Às vezes, nem *ela* tinha muita certeza do que vira nele. Mas de uma coisa tinha certeza: ninguém lhe tiraria o noivo daquele jeito.

– Boa pergunta. Cadê o Rory? Além disso, onde estão os outros sete bilhões de pessoas? – perguntou ele.

– Eu quero o meu Rory.

– Bem, onde quer que o restante das pessoas esteja, ele também está. E você deveria estar com eles. Se eu fosse chutar, diria que nenhum de vocês sequer chegou a nascer.

Amy deu uma olhada em si mesma, conferindo pés, pernas, cotovelos, mãos (o treco enroscado brilhava como um pesadelo de Escher em seu pulso; ela o largou em cima do painel de controle). Amy levou a mão ao cabelo e pegou um de seus cachos ruivos.

– Se eu não nasci, o que estou fazendo aqui?

– Você é um nexo temporal independente, crono-sinclasticamente estabelecido como um inverso...

Ele viu a expressão no rosto dela e parou.

– O que você está tentando me dizer é que é temporalístico-esquisitístico, né?

– É – respondeu ele, sério. – Acho que estou. Certo. Chegamos.

Ele ajustou a gravata-borboleta com movimentos precisos e depois inclinou-a para o lado de um jeito casual-despojado.

– Mas, Doutor. A raça humana não se extinguiu em 1984.

– Nova linha do tempo. Um paradoxo.

– E você é o paradoutor?

– Só o Doutor. – Ele alinhou a gravata-borboleta na posição original e endireitou a coluna. – Tem alguma coisa muito familiar nisso tudo.

– O quê?

– Não sei. Humm. Kin. Kin. *Kin...* Fico pensando em máscaras. Quem usa máscaras?

– Ladrões de banco?

– Não.

– Pessoas muito feias?

– Não.

– Halloween? As pessoas usam máscaras no Halloween.

– *Sim!* Elas *usam!*

Ele abriu os braços de satisfação.

– Então isso é importante?

– Nem um pouco. Mas é verdade. Certo. Grande divergência no fluxo temporal. E não é possível tomar posse de um planeta de Nível 5 de um jeito que satisfaça a Proclamação das Sombras a menos que...

– A menos que o quê?

O Doutor parou de se mexer. Mordeu o lábio inferior.

– Ah. Eles não ousariam – disse.

– Não ousariam o quê?

– Eles não poderiam. Quer dizer, isso seria totalmente...

Amy jogou o cabelo para trás e fez o melhor que pôde para manter a calma. Gritar com o Doutor nunca funcionava, a não ser que funcionasse.

– Totalmente o quê?

– Totalmente impossível. Não é possível tomar posse de um planeta de Nível 5. A menos que isso seja feito de forma legítima. – Alguma coisa no painel de controle da TARDIS rodopiou e outra fez *plim*. – Chegamos. É o nexu. Venha! Vamos explorar o ano de 1984.

– Você está adorando isso – disse Amy. – Meu planeta inteirinho foi tomado por uma voz misteriosa. As pessoas se extinguíram. Rory já era. E você está adorando tudo.

– Não, não estou – respondeu o Doutor, se esforçando muito para não deixar transparecer o quando amava aquilo.

A família Browning ficou no hotel enquanto o sr. Browning procurava uma casa nova para eles. O hotel estava lotado. Os Browning descobriram, ao conversar com outros hóspedes no café da manhã, que, por coincidência, eles também haviam vendido suas casas e apartamentos. Ninguém parecia especialmente inclinado a contar quem comprara os imóveis.

– Isso é ridículo – comentou ele, dez dias depois. – Não há nada à venda na cidade. Nem em nenhum outro lugar pelas redondezas. Foi tudo arrematado.

– Deve haver alguma coisa – disse a sra. Browning.

– Não nesta parte do país – retrucou o sr. Browning.

– O que a corretora tem a dizer sobre isso?

– Ela não atende ao telefone – respondeu o sr. Browning.

– Bem, então vamos até lá falar com ela – disse a sra. Browning. – Você vem, Polly?

Polly fez que não com a cabeça.

– Estou lendo meu livro – respondeu.

O sr. e a sra. Browning foram a pé até o centro comercial e encontraram a corretora fora da loja, pendurando na porta um aviso em que se lia “*Sob nova direção*”. Não havia nenhum anúncio de propriedade à venda na vitrine, só um bando de casas e apartamentos com a palavra *Vendido* escrita neles.

– Fechando a loja? – perguntou o sr. Browning.

– Me fizeram uma oferta que não pude recusar – disse a corretora.

Ela segurava uma sacola plástica que parecia pesada. Os Browning podiam imaginar o que havia ali

dentro.

– Alguém com máscara de coelho? – perguntou a sra. Browning.

Quando voltaram ao hotel, a gerente esperava por eles no saguão, para lhes dizer que não ficariam hospedados lá por muito mais tempo.

– São os novos donos – explicou ela. – Eles vão fechar o hotel para reformas.

– Novos donos?

– Acabaram de comprá-lo. E pagaram caro, pelo que ouvi dizer.

Por algum motivo, aquilo não surpreendeu a família Browning. Não se surpreenderam até subirem para o quarto e não encontrarem o menor sinal de Polly.

– 1984 – divagou Amy Pond. – Por algum motivo, achei que teria uma aparência mais, sei lá...
Histórica. Não parece ter sido há tanto tempo assim. Mas meus pais nem tinham se conhecido ainda. –
Ela hesitou, como se estivesse prestes a dizer algo sobre os pais, mas sua atenção se desviou. Os dois
atravessaram a rua.

– Como eles eram? – perguntou o Doutor. – Seus pais?

Amy deu de ombros.

– Normais – respondeu sem pensar muito. – Uma mãe e um pai.

– Bem provável – concordou o Doutor, rápido demais. – Pois então, preciso que você fique de olhos
bem abertos.

– O que estamos procurando?

Eles estavam numa pitoresca cidadezinha inglesa, que a Amy pareceu como outra qualquer.

Exatamente igual àquela da qual havia saído em 2010, com uma praça central, muitas árvores, uma
igreja. A única diferença era a ausência de cafeterias e de lojas de operadoras de celular.

– Fácil. Estamos procurando algo que não deveria estar aqui. Ou alguma coisa que deveria estar aqui,
mas não está.

– Que tipo de coisa?

– Não sei bem – hesitou o Doutor. Ele coçou o queixo. – Gaspacho, talvez.

– O que é gaspacho?

– Sopa fria. Mas é para ser fria mesmo. Então, se procurássemos em todo o ano de 1984 e não
conseguíssemos achar nenhum gaspacho, isso seria uma pista.

– Você foi sempre assim?

– Assim como?

– Um louco. Com uma máquina do tempo.

– Ah, não. Demorou séculos até eu conseguir a máquina do tempo.

Eles andaram pelo centro da cidadezinha procurando algo fora do comum, mas não encontraram
nada, nem mesmo gaspacho.

Polly parou em frente ao portão na Claversham Row e ficou olhando para a casa que havia sido seu lar
desde que se mudaram para lá quando tinha sete anos. Ela caminhou até a porta, tocou a campainha e
esperou. Ficou aliviada quando ninguém atendeu. Deu uma espiada na rua e depois rodeou a casa
depressa, passando pelas latas de lixo e indo até o quintal.

A porta de madeira e vidro, que dava para o pequeno quintal nos fundos do terreno, tinha um trinco
que não fechava direito. Polly achou extremamente improvável que os novos donos da casa o tivessem
consertado. Se tivessem, ela voltaria quando os proprietários estivessem presentes, mas aí teria de pedir a
permissão deles, o que seria uma situação estranha e constrangedora.

Aquele era o problema dos objetos escondidos. Podia acontecer de, em caso de pressa, eles serem
deixados para trás. Até coisas muito importantes. E nada era mais importante na vida que seu diário.

Polly escrevera nele todos os dias desde que chegaram à cidade. Era seu melhor amigo: ela havia se confidenciado com ele, contado das garotas de quem sofrera bullying, das que se tornaram amigas dela, do primeiro garoto de quem gostou na vida. Polly recorria a ele em momentos difíceis, confusos ou tristes. Aquele era o lugar no qual podia despejar seus pensamentos.

E estava escondido sob uma tábua solta no chão, dentro do grande armário embutido em seu quarto.

Polly bateu com força com a palma da mão no lado esquerdo da porta de madeira e vidro, acertando próximo ao batente, o que fez a porta trepidar e depois abrir.

Ela entrou na casa. E ficou surpresa ao ver que eles não haviam substituído nenhum dos móveis que a família deixara lá. O cheiro ainda era o mesmo. Estava tudo quieto: não tinha ninguém em casa. Bom. Ela subiu depressa as escadas, querendo evitar ainda estar ali quando o sr. Coelho ou a sra. Gato voltassem.

Ao chegar ao patamar da escada, sentiu algo roçar em seu rosto – foi um toque leve, como o de uma linha ou teia de aranha. Ela olhou para cima. Aquilo era estranho. O teto parecia coberto de pelos: fios que pareciam de cabelo, ou cabelos que pareciam fios, pendiam dele. Naquele instante, Polly hesitou, pensou em sair correndo – mas já podia ver a porta do seu quarto. O pôster do Duran Duran ainda estava preso nela. Por que será que não o tiraram dali?

Tentando não olhar para o teto peludo, Polly abriu a porta.

O quarto estava diferente. Não havia móveis, e, no lugar em que costumava ficar sua cama, agora havia folhas de papel. Polly deu uma espiada nos papéis: fotos de jornal, rostos ampliados para tamanho real. Os buracos dos olhos haviam sido recortados. Ela reconheceu o príncipe Charles, Ronald Reagan, Margaret Thatcher, o papa João Paulo, a rainha...

Talvez estivessem planejando dar uma festa. As máscaras não tinham uma aparência muito convincente.

Polly foi até o armário embutido na outra extremidade do quarto. Seu diário da *Smash Hits* repousava na escuridão dentro dele, sob a tábua do piso. Ela abriu a porta.

– Olá, Polly – disse o homem no armário.

Ele estava de máscara, assim como os outros. Uma máscara de animal: alguma espécie de cachorro de grande porte e pelo escuro.

– Oi – cumprimentou Polly. Ela não sabia mais o que dizer. – Eu... eu esqueci meu diário aqui.

– Eu sei. Eu o estava lendo. – E ergueu o diário. Ele não era como o homem da máscara de coelho nem como a mulher da máscara de gato, mas tudo o que Polly havia sentido em relação a eles, de que havia *algo estranho* neles, ficou mais forte naquele momento. – Você o quer de volta?

– Sim, por favor – respondeu Polly para o homem com máscara de cachorro.

Ela se sentiu magoada e invadida: aquele homem estava lendo o seu diário. Mas ela o queria de volta.

– Você sabe o que precisa fazer para que eu o devolva?

Ela fez que não com a cabeça.

– Pergunte-me que horas são.

Ela abriu a boca. Estava seca. Polly umedeceu os lábios e balbuciou:

– Que horas são?

– E meu nome – retrucou ele. – Diga meu nome. Sou o sr. Lobo.

– Que horas são, sr. Lobo? – perguntou Polly.

Uma brincadeira de criança invadiu sua mente.

O sr. Lobo sorriu (mas como pode uma máscara sorrir?) e abriu uma boca tão grande que deu para ver cada uma das fileiras de dentes muito, muito afiados.

– É hora do almoço – respondeu ele.

Polly começou a gritar quando ele avançou sobre ela, mas não conseguiu gritar por muito tempo.

A TARDIS estava pousada num pequeno campo gramado, pequeno demais para ser um parque, irregular demais para ser uma praça, bem no centro da cidade, e o Doutor estava do lado de fora, sentado numa espreguiçadeira, viajando em suas lembranças.

O Doutor tinha uma memória invejável. O único problema é que havia muitas delas. Ele já vivera onze vidas (ou mais: havia outra vida, ou não havia, na qual tentava ao máximo não pensar) e possuía um jeito diferente de se lembrar das coisas em cada uma delas.

O pior de ter a sua idade, qualquer que fosse (e havia muito ele desistira de contar os anos de alguma forma que importasse a qualquer um menos ele), era que às vezes as coisas não vinham à sua mente quando deveriam.

Máscaras. Era uma das peças do quebra-cabeça. E Kin. Também era uma das peças.

E Tempo.

Tudo tinha a ver com o Tempo. Sim, era aquilo...

Uma história antiga. De antes de ele nascer, tinha certeza. Foi algo que ouviu na infância. Ele tentou se lembrar das histórias que lhe contaram quando era pequeno, em Gallifrey, antes de ter sido levado para a Academia dos Senhores do Tempo e de sua vida ter mudado para sempre.

Amy voltava de uma incursão pela cidade à procura de coisas que poderiam ter sido gaspacho.

– Maximelos e os três ogrons! – gritou o Doutor para Amy.

– O que têm eles?

– Um era mau demais, um era burro demais, um era simplesmente normal.

– E de que forma isso é relevante?

Ele deu um puxão no cabelo, distraído.

– Humm, talvez não seja nada relevante. Só estou tentando me lembrar de uma história de quando eu era criança.

– Por quê?

– Não faço a menor ideia. Não consigo me lembrar.

– Você – disse Amy Pond – é muito frustrante.

– É – assentiu o Doutor com alegria. – Devo ser mesmo.

Ele havia pendurado uma placa na porta da TARDIS em que se lia:

*ALGO MISTERIOSAMENTE ESTRANHO ACONTECEU?
É SÓ BATER! NENHUM PROBLEMA É PEQUENO DEMAIS.*

– Se ele não vier a nós, eu irei até ele. Não. Apague isso. É o contrário. Eu rededorei o interior da TARDIS para não espantar as pessoas. O que você encontrou?

– Duas coisas – respondeu ela. – A primeira foi o príncipe Charles. Eu o vi no jornaleiro.

– Tem certeza de que era ele?

Amy parou para pensar.

– Bem, ele se parecia com o príncipe Charles. Só que muito mais jovem. E o jornalista perguntou se ele havia escolhido um nome para o próximo bebê real. Eu sugeri Rory.

– O príncipe Charles no jornalista. Certo. A outra coisa?

– Descobri que não há nenhuma casa à venda. E olha que andei por todas as ruas. Não há nenhuma placa. Algumas pessoas estão acampadas em barracas nos limites da cidade. Várias outras estão indo embora à procura de um lugar para morar, porque não há nenhuma casa à venda por aqui. É muito estranho.

– É.

Ele estava quase se lembrando. Amy abriu a porta da TARDIS. Espiou o interior.

– Doutor... o lado de dentro está do mesmo tamanho que o de fora.

Ele abriu um sorriso radiante e levou-a numa visita guiada completa por seu novo escritório, o que consistiu em ficar parado no vão da porta e acenar com a mão direita. O espaço havia sido quase todo tomado por uma mesa com um telefone antigo e uma máquina de escrever em cima. Havia uma parede oposta à porta. Amy experimentou atravessar a parede com as mãos (foi difícil fazer aquilo com os olhos abertos, ficou mais fácil após fechá-los), e então fechou os olhos de novo e passou a cabeça através da parede. Conseguiu ver a sala de controle da TARDIS, toda de cobre e vidro. Amy deu um passo atrás, voltando para o minúsculo escritório.

– É um holograma?

– Mais ou menos.

Alguém bateu à porta da TARDIS, uma batida hesitante. O Doutor a abriu.

– Com licença. A placa na porta.

O homem parecia atormentado. O cabelo era escasso. Ele olhou para o pequeno espaço, quase todo tomado por uma mesa, e não fez nenhuma menção de entrar.

– Sim! Olá! Entre! – disse o Doutor. – Nenhum problema é pequeno demais!

– Humm. Meu nome é Reg Browning. É minha filha, Polly. Era para ela estar nos esperando no quarto do hotel. Mas ela não está lá.

– Eu sou o Doutor. Esta é Amy. Você procurou a polícia?

– Você não é policial? Achei que fosse.

– Por quê? – perguntou Amy.

– Esta é uma cabine telefônica de polícia. Nem sabia que elas tinham voltado.

– Para alguns de nós – disse o jovem alto de gravata-borboleta –, elas nunca saíram de uso. O que aconteceu quando você falou com a polícia?

– Eles disseram que ficariam de olho. Mas, sinceramente, pareciam um pouco preocupados. O sargento de plantão disse que o contrato de aluguel da delegacia expirou, o que foi um tanto inesperado, e eles estão procurando outro lugar para ir. O sargento disse que essa coisa do aluguel pegou todo mundo de surpresa.

– Como é a Polly? – perguntou Amy. – Será que ela não poderia estar na casa de alguma amiga?

– Já falei com todas as amigas dela. Ninguém a viu. Atualmente estamos morando no Hotel Rose, na rua Wednesbury.

– Vocês estão de visita?

O sr. Browning contou sobre o homem com máscara de coelho que aparecera à sua porta duas

semanas antes querendo comprar sua casa por muito mais do que ela valia e pagando em dinheiro.

Contou também sobre a mulher com máscara de gato que havia tomado posse da casa...

– Ah. Certo. Bem, agora tudo faz sentido – disse o Doutor, como se realmente fizesse.

– Faz? – perguntou o sr. Browning. – Você sabe onde a Polly está?

O Doutor fez que não com a cabeça.

– Sr. Browning. Reg. Existe alguma chance de a Polly ter voltado à sua casa?

O homem deu de ombros.

– Pode ser. Você acha...?

Mas o jovem alto e a escocesa ruiva passaram por ele, fecharam a porta da cabine de polícia e saíram correndo pelo gramado.

Amy tentava acompanhar o ritmo do Doutor e fazia perguntas ofegantes enquanto corriam.

– Você acha que ela está na casa?

– Acho que está. Sim. Eu meio que tenho um palpite. Uma coisa que ouvi quando era pequeno. Um tipo de fábula moral. Preste atenção, Amy, não deixe que ninguém a induza a perguntar *a eles* que horas são. Se fizerem isso, não responda. É mais seguro assim.

– Sério?

– Receio que sim. E tome cuidado com as máscaras.

– Certo. Então esses alienígenas com quem estamos lidando são perigosos? Usam máscaras e querem que você pergunte as horas?

– Isso parece coisa deles. Sim. Mas meu povo deu um jeito neles muito tempo atrás. É quase inconcebível... – Ele parecia preocupado.

Os dois pararam de correr quando chegaram à Claversham Row.

– E se é quem eu penso que é, o que eu penso que é... eles... ele... são... só há uma coisa sensata a fazer.

A expressão preocupada em seu rosto desapareceu tão depressa quanto surgira, substituída por um sorriso.

– E o que é?

– Fugir – respondeu o Doutor ao tocar a campainha.

Um momento de silêncio, e então a porta foi aberta e uma menina os fitou. Ela não devia ter mais que onze anos e usava tranças.

– Oi – disse ela. – Meu nome é Polly Browning. Como vocês se chamam?

– Polly! – exclamou Amy. – Seus pais estão muito preocupados com você.

– Só vim aqui pegar meu diário – disse a menina. – Ele estava debaixo de um taco solto no meu antigo quarto.

– Seus pais passaram o dia todo procurando você! – contou Amy.

E ficou se perguntando por que o Doutor não dizia nada.

A menininha – Polly – olhou para o relógio em seu pulso.

– Estranho. Pelo relógio, só estou aqui há cinco minutos. Cheguei às dez da manhã.

Amy sabia que já devia ser algo em torno do fim da tarde. Sem pensar, perguntou:

– Que horas são agora?

Polly olhou para Amy com ar de satisfação. Dessa vez, Amy teve a impressão de que havia algo estranho com o rosto da menina. Algo achatado. Algo que quase parecia uma máscara...

– É hora de você entrar na minha casa – respondeu a menina.

Amy piscou. Teve a impressão de que o Doutor e ela foram parar no hall de entrada da casa sem nem terem se mexido. A menina estava de pé no degrau da escada de frente para os dois. Seu rosto estava nivelado com o deles.

– O que você é? – perguntou Amy.

– Nós somos o Kin – respondeu a menina, que não era uma menina.

Sua voz ficou mais grave, mais sombria e gutural. Para Amy, aquela criatura se parecia com algo agachado, algo enorme usando uma máscara de papel com o rosto de uma menina grosseiramente rabiscado nela. Amy não conseguia entender como podia ter sido levada a acreditar que aquele era um rosto de verdade.

– Ouvi falar de você – disse o Doutor. – Meu povo considerava você...

– Uma abominação – completou a coisa agachada com a máscara de papel. – E uma violação de todas as leis do tempo. Eles nos afastaram do restante da Criação. Mas eu escapei e, conseqüentemente, nós escapamos. E estamos prontos para recomeçar. Já começamos a comprar este mundo...

– Você está reciclando dinheiro através do tempo – retrucou o Doutor. – Comprando este mundo com ele, começando com esta casa, a cidade...

– Doutor? O que está acontecendo? – perguntou Amy. – Você poderia me explicar alguma coisa?

– Posso explicar tudo – respondeu o Doutor. – Meio que gostaria de não poder. Eles vieram para dominar a Terra. Vão se transformar na população do planeta.

– Ah, não, Doutor – disse a enorme criatura agachada com a máscara de papel. – Você não entende. Não é por isso que estamos dominando o planeta. Vamos tomar este mundo e deixar a humanidade se extinguir simplesmente para trazer você aqui, agora.

O Doutor pegou a mão de Amy e gritou:

– Corra!

Ele partiu em direção à porta da casa...

... e se viu no patamar da escada.

– Amy! – gritou.

Mas não houve resposta. Algo roçou em seu rosto: uma coisa que ao toque pareceu ser pelo de animal. Afastou-o bruscamente com a mão.

Havia uma porta aberta, e ele foi até ela.

– Olá – disse a pessoa no quarto com uma voz sussurrante de mulher. – Estou *tão* feliz que tenha vindo, Doutor.

Era Margaret Thatcher, a primeira-ministra do Reino Unido.

– Você *sabe* quem somos, querido? – perguntou ela. – Seria uma *pena* tão grande se não soubesse.

– O Kin – respondeu o Doutor. – Uma população composta por uma criatura apenas, mas que é capaz de se deslocar pelo tempo com tanta facilidade e tão instintivamente quanto um ser humano atravessa a rua. Só havia um de você. Mas você conseguiria povoar um lugar ao se deslocar para trás e para a frente no tempo até haver centenas, depois milhares e milhões, todos interagindo uns com os outros em momentos diferentes dentro da sua própria linha do tempo. E isso continuaria até que a estrutura local do tempo se partisse como madeira podre. Você precisa de outras criaturas, pelo menos no início, para perguntar que horas são e criar a superposição quântica que lhe permita se ancorar a um ponto no espaço-tempo.

– Muito *bom* – elogiou a sra. Thatcher. – Você *sabe* o que os Senhores do Tempo disseram quando varreram nosso mundo? Disseram que, como *cada um* de nós era o Kin num ponto diferente do tempo, matar qualquer um de nós seria cometer um genocídio contra a nossa espécie. Você não pode *me* matar, porque me matar é matar a *todos* nós.

– Você sabe que sou o último Senhor do Tempo?

– Ah, *sim*, querido.

– Vejamos. Você pega o dinheiro da Casa da Moeda enquanto ainda está sendo impresso, compra coisas com ele no tempo, utilizando o mesmo dinheiro várias vezes e devolvendo tudo instantes depois. Você o recicla através do tempo. E as máscaras... Imagino que aumentem o poder de persuasão. As pessoas ficam muito mais inclinadas a vender propriedades grandes e importantes, lugares que pertencem à nação, e não a um simples indivíduo, quando acreditam que é o líder do seu país quem as está requisitando pessoalmente... e, por fim, você vende o lugar inteiro para si mesmo. Você vai matar os seres humanos?

– Isso *não* é necessário, querido. Nós até faremos reservas para eles: Groenlândia, Sibéria, Antártida... mas eles *vão* se extinguir mesmo assim. Vários bilhões de pessoas morando em lugares que mal conseguem acomodar uns poucos milhares. Bem, querido... *não vai* ser algo bonito de ver.

A sra. Thatcher se mexeu. O Doutor se concentrou em vê-la como era. Fechou os olhos. Ao abri-los, viu uma figura parruda com uma máscara tosca e uma foto da Margaret Thatcher presa a ela.

O Doutor esticou a mão à frente e arrancou a máscara do Kin.

Ele conseguia ver beleza onde os seres humanos não viam. Gostava de todas as criaturas, mas o rosto do Kin era difícil de apreciar.

– Você... você provoca repulsa em si mesmo – disse o Doutor. – Caramba. É por isso que usa máscaras. Você não gosta da sua cara, não é mesmo?

O Kin nada disse. Seu rosto, se é que aquilo era o rosto dele, se retorceu e contorceu.

– Cadê a Amy? – perguntou o Doutor.

– Estava sobrando – respondeu outra voz, parecida, atrás dele. Um homem magro com uma máscara de coelho que lhe cobria todo o rosto. – Nós a deixamos ir embora. Só precisávamos de você, Doutor. A prisão dos Senhores do Tempo foi uma tortura para nós porque ficamos confinados a ela e reduzidos a apenas um. Você também é o único da sua espécie. E vai ficar aqui nesta casa para sempre.

O Doutor andou de cômodo em cômodo, examinando tudo à sua volta com cuidado. As paredes da casa estavam maleáveis e cobertas por uma camada fina de pelo. Mexiam-se delicadamente, para dentro e para fora, como se estivessem...

– Respirando. O cômodo ganhou vida. Literalmente.

E completou:

– Devolva a Amy. Vá embora daqui. Vou achar um lugar para você. Além do mais, você não pode simplesmente continuar assim, indo e voltando no tempo, sem parar. Isso bagunça as coisas.

– E, quando bagunçar, nós recomeçaremos em algum outro lugar – disse a mulher com máscara de gato na escada acima dele. – Você ficará confinado até que sua vida chegue ao fim. Envelhecer aqui, regenerar aqui, morrer aqui, sem parar. Nossa prisão só vai deixar de existir quando o último Senhor do Tempo perecer.

– Você acha mesmo que é tão fácil assim me deter? – perguntou o Doutor.

Era sempre uma boa ideia parecer estar no controle, não importando o quanto estivesse com medo de ficar preso ali para sempre.

– Rápido! Doutor! Aqui em baixo!

Era a voz de Amy. Ele desceu a escada de três em três degraus, indo para o lugar de onde a voz dela

tinha vindo: a porta da casa.

– Doutor!

– Estou aqui.

Ele tentou abrir a porta. Estava trancada. O Doutor sacou sua chave de fenda sônica e usou-a na maçaneta.

Ouviu-se um som metálico abafado e a porta se escancarou; a claridade repentina do dia teve um efeito cegante. O Doutor avistou, satisfeito, sua amiga, e uma grande e familiar cabine de polícia. Ele não soube quem abraçar primeiro.

– Por que você não entrou? – perguntou a Amy ao abrir a porta da TARDIS.

– Não consigo achar a chave. Devo ter deixado cair enquanto eles me perseguiram. Para onde vamos agora?

– Para algum lugar seguro. Bom, mais seguro pelo menos. – Ele fechou a porta. – Você tem alguma sugestão?

Amy parou na base da escada da sala de controle e olhou em volta para aquele mundo reluzente de cobre, para a coluna de vidro que atravessava de cima a baixo o painel de controle da TARDIS, para as portas.

– Ela é impressionante, não é mesmo? – disse o Doutor. – Nunca me canso de olhar para essa boa e velha garota esperta.

– Sim, a boa e velha garota esperta – comentou Amy. – Acho que deveríamos ir para o verdadeiro início dos tempos, Doutor. O instante mais remoto de todos. Eles não conseguirão nos encontrar lá, e poderemos pensar no que fazer depois.

Ela olhava para o console por sobre o ombro do Doutor, vendo suas mãos se moverem, como se estivesse determinada a não esquecer nada do que ele fazia. A TARDIS não estava mais em 1984.

– O início dos tempos? Muito inteligente, Amy Pond. É um lugar que nunca visitamos. Um ponto ao qual normalmente não deveríamos ser capazes de ir. Que bom que tenho isto aqui.

Ele ergueu o treco enroscado e acoplou-o ao console da TARDIS, usando presilhas-jacaré e o que parecia ser um pedaço de corda.

– Pronto – disse ele, com orgulho. – Veja isso.

– Sim – disse Amy. – Nós escapamos da armadilha do Kin.

Os motores da TARDIS começaram a roncar e a sala inteira trepidou e vibrou.

– Que barulho é esse?

– Estamos a caminho de um lugar ao qual a TARDIS não foi feita para ir. Um local aonde eu não ousaria ir sem o treco enroscado nos proporcionando uma aceleração extra e nos dando uma bolha temporal. O barulho é o motor reclamando. É como subir uma ladeira bem íngreme com um carro velho. Ainda vamos demorar alguns minutos para chegar lá. Mesmo assim, você vai gostar quando chegarmos: o início dos tempos. Excelente sugestão.

– Tenho certeza de que vou gostar – respondeu Amy, com um sorriso. – Deve ter sido uma sensação tão boa escapar da prisão do Kin, Doutor.

– Essa é a parte estranha – disse o Doutor. – Você me pergunta sobre a fuga da prisão do Kin. E com prisão você se refere à casa. Quer dizer, eu escapei de fato, só de usar a chave de fenda sônica na maçaneta, o que foi um pouco conveniente demais. Mas, e se a armadilha não fosse a casa? E se o que o

Kin de fato queria não era um Senhor do Tempo para torturar e matar? E se queria algo muito mais importante? E se queria uma TARDIS?

– Por que o Kin queria uma TARDIS? – perguntou Amy.

O Doutor olhou para Amy. Seu olhar era direto, sem qualquer sombra de raiva ou dúvida.

– O Kin não consegue viajar muito longe através do tempo. Não é tão fácil assim para ele. E fazer o que faz é demorado e demanda um grande esforço. O Kin teria que viajar para trás e para a frente no tempo quinze milhões de vezes só para povoar Londres.

“Mas e se o Kin tivesse todo o Tempo e o Espaço do mundo, pelos quais pudesse se deslocar? E se ele voltasse para o momento exato da criação do universo e começasse sua existência ali? Ele seria capaz de povoar *tudo*. Não haveria seres inteligentes em todo o continuum do espaço-tempo que não fossem o Kin. Uma só criatura preencheria o universo, não deixando espaço para mais nada. Dá para imaginar isso? Você consegue imaginar uma coisa dessas?”

Amy umedeceu os lábios.

– Sim – respondeu ela. – Consigo.

– Ele só precisaria entrar numa TARDIS e ter um Senhor do Tempo nos controles, e o universo seria sua área de lazer.

– Seria, sim – disse Amy, o sorriso cada vez mais largo. – E será.

– Estamos quase chegando – disse o Doutor. – O início dos tempos. Por favor. Diga-me que a Amy está bem, onde quer que ela esteja.

– Por que eu diria uma coisa dessas? – perguntou o Kin com a máscara de Amy Pond. – Não é verdade.

Amy ouviu o Doutor descer as escadas. Ela escutou uma voz que lhe soou estranhamente familiar chamando por ele e em seguida um ruído que encheu de desespero seu coração: o *vuorp vuorp* cada vez mais distante de uma TARDIS se desmaterializando.

A porta se abriu naquele exato instante e ela botou o pé no hall de entrada da casa.

– Ele deixou você para trás – disse uma voz grave. – Como é a sensação de ser abandonada?

– O Doutor não abandona os amigos – respondeu Amy para a coisa nas sombras.

– Abandona, sim. Nesse caso, está claro que foi o que acabou de fazer. Você pode esperar o quanto quiser, ele nunca mais vai voltar – retrucou a coisa, saindo da escuridão para a penumbra.

Ela era enorme. Sua forma era humanoide, mas também animal. (*Lupino*, pensou Amy Pond ao dar um passo atrás, afastando-se da coisa.) Ela estava disfarçada, com uma máscara de madeira pouco convincente, que parecia querer representar um cão raivoso ou talvez um lobo.

– Ele está levando alguém que acredita ser você para uma volta na TARDIS. E em poucos instantes a realidade será reescrita. Os Senhores do Tempo reduziram o Kin a uma criatura solitária e afastada do restante da Criação. Por isso, é justo que um Senhor do Tempo nos devolva a nosso devido lugar na ordem das coisas: todos os outros seres me servirão; ou serão eu, ou comida para mim. Pergunte-me que horas são, Amy Pond.

– Por quê?

Havia mais deles agora: figuras sombrias. Uma mulher com rosto de gato na escada. Uma garotinha no canto. O homem com cabeça de coelho parado atrás dela disse:

– Porque será um jeito limpo de morrer. Uma forma fácil de ir. Em poucos instantes, você nem terá existido de qualquer maneira.

– Pergunte-me – pediu a figura com máscara de lobo à sua frente. – Diga: “Que horas são, sr. Lobo?”

A reação de Amy Pond foi estender a mão à frente e puxar a máscara de lobo do rosto daquela coisa enorme, e, com isso, ela viu o Kin.

Olhos humanos não foram feitos para olhar para o Kin. A confusão arrepiante, contorcida e retorcida que era o rosto do Kin tinha uma aparência assustadora; as máscaras eram usadas tanto para o bem dele quanto para o dos outros.

Amy Pond olhou fixamente para o rosto do Kin. E disse:

– Pode me matar, se é isso que vai fazer. Mas não acredito que o Doutor tenha me abandonado. E não vou perguntar a você que horas são.

– Pena – disse o Kin, com seu rosto de pesadelo.

E partiu para cima dela.

Os motores da TARDIS roncaram uma vez, bem alto, e então silenciaram.

– Chegamos – anunciou o Kin.

Sua máscara de Amy Pond estava reduzida a rabiscos planos do rosto de uma garota.

– Chegamos ao começo de tudo – disse o Doutor – porque é onde você quer estar. Mas estou preparado para fazer isso de outro jeito. Eu poderia encontrar uma solução para você. Para todos vocês.

– Abra a porta – rosnou o Kin.

O Doutor abriu a porta. O vento que soprava ao redor da TARDIS empurrou o Doutor para trás.

O Kin parou no vão da porta.

– É tão escuro.

– Estamos bem no começo de tudo. Antes da luz.

– Eu vou entrar no Vazio – disse o Kin. – Você vai me perguntar: “Que horas são?” E eu responderei para mim mesmo, para você, para toda a Criação: *É hora de o Kin governar, ocupar, invadir. É hora de o universo virar apenas eu e meu, e o que quer que eu conserve para devorar. É hora do primeiro e do último reinado do Kin, um mundo sem fim, por todos os tempos.*

– Eu não faria isso se fosse você – avisou o Doutor. – Ainda dá tempo de mudar de ideia.

O Kin jogou a máscara de Amy Pond no chão.

E empurrou o batente da porta da TARDIS, lançando-se no Vazio.

– Doutor – gritou ele. Seu rosto era uma massa retorcida de larvas. – Pergunte-me que horas são.

– Posso fazer melhor que isso – disse o Doutor. – Posso lhe *dizer* que horas são. Nenhuma. É exatamente Hora Nenhuma. É um microssegundo antes do Big Bang. Nós não estamos no início dos tempos.

– Os Senhores do Tempo não gostavam de genocídios. Eu mesmo não sou muito fã deles. Você destrói um potencial. E se, um dia, surgisse um Dalek bom? E se... – Ele fez uma pausa. – O espaço é grande. O tempo é maior ainda. Eu teria ajudado você a achar um lugar no qual poderia viver. Mas havia uma garota chamada Polly, e ela esqueceu o diário em casa. E você a matou. Isso foi um erro.

– Você não sabia nada sobre ela – gritou o Kin do Vazio.

– Ela era uma criança – disse o Doutor. – Puro potencial, como todas as crianças em todos os lugares. Eu sabia o suficiente.

O treco enroscado acoplado ao console da TARDIS começou a soltar fumaça e faíscas.

– Seu tempo acabou, literalmente. Porque o Tempo só começa depois do Big Bang. E se qualquer parte de uma criatura que habita o tempo for retirada do tempo... bem, você está sendo retirado do cenário como um todo.

O Kin entendeu. Ele entendeu que, naquele instante, o Tempo e o Espaço eram uma minúscula partícula, menor que um átomo, e, enquanto não se passasse um microssegundo, e a partícula não explodisse, nada aconteceria. Nada *poderia* acontecer. E o Kin estava do lado errado do microssegundo.

Afastadas do Tempo, todas as outras partes do Kin foram deixando de existir. O Ele que eram Eles sentiu o jorro da inexistência cair sobre si.

No princípio – antes do princípio – havia uma palavra. E a palavra era “Doutor!”

Mas a porta fora fechada e a TARDIS desaparecera implacavelmente. O Kin foi deixado para trás, sozinho, no Vazio antes da Criação.

Sozinho, para sempre naquele instante, esperando pelo início do Tempo.

O jovem de paletó de tweed deu a volta ao redor da casa no fim da Claversham Row. Bateu à porta, mas ninguém atendeu. Ele voltou para dentro da cabine azul e mexeu no menor dos controles: era sempre mais fácil viajar mil anos do que vinte e quatro horas.

Fez uma nova tentativa.

Ele conseguia sentir as linhas do tempo se emaranhando e re-emaranhando. O tempo é algo complexo: nem tudo que aconteceu, de fato aconteceu. Só os Senhores do Tempo entendiam isso e, mesmo assim, consideravam esse conceito impossível de descrever.

À frente da casa na Claversham Row havia uma placa suja de *À Venda*.

Ele bateu à porta.

– Olá – disse. – Você deve ser Polly. Estou procurando Amy Pond.

A menina usava tranças. Ela olhou desconfiada para o Doutor.

– Como você sabe meu nome? – perguntou.

– Eu sou muito esperto – respondeu o Doutor, sério.

Polly deu de ombros. Voltou para dentro de casa e o Doutor a seguiu. Não havia, ele reparou com alívio, pelo nas paredes.

Amy estava na cozinha, tomando chá com a sra. Browning. A Rádio Quatro tocava ao fundo. A sra. Browning falava de seu trabalho como enfermeira e da quantidade de horas que precisava trabalhar, e Amy dizia que seu noivo era enfermeiro e que ela sabia muito bem como era.

Quando o Doutor entrou, ela olhou fundo nos olhos dele. Um olhar que parecia dizer: *Você me deve muitas explicações*.

– Achei que estaria aqui – disse o Doutor. – Se eu continuasse procurando.

Eles deixaram a casa na Claversham Row. A cabine de polícia azul estava estacionada no fim da rua, debaixo de algumas castanheiras.

– Num instante – disse Amy – eu estava prestes a ser comida por aquela criatura. No seguinte, estava sentada na cozinha, falando com a sra. Browning e ouvindo rádio. Como você fez isso?

– Eu sou muito esperto – respondeu o Doutor.

Aquela era uma boa frase, e ele estava decidido a dizê-la sempre que possível.

– Vamos para casa – avisou Amy. – Será que Rory vai estar lá desta vez?

– Todo mundo estará lá – retrucou o Doutor. – Até o Rory.

Eles entraram na TARDIS. O Doutor já havia retirado os restos empretecidos do treco enroscado do console: a TARDIS não conseguiria mais chegar ao instante antes do início do tempo, mas, levando tudo em consideração, isso tinha de ser uma coisa boa.

Ele planejava levar Amy direto para casa, fazendo apenas uma escala rápida na Andaluzia durante a era da cavalaria medieval, onde, numa pequena estalagem no caminho de Sevilha, haviam lhe servido, em certa ocasião, o melhor gaspacho que já comera na vida.

O Doutor tinha quase certeza absoluta de poder encontrá-la de novo...

– Vamos direto para casa – disse ele. – Depois do almoço. E, durante o almoço, eu contarei para você a história de Maximelos e os três ogrons.

Sobre o autor

O Décimo Primeiro Doutor: Hora Nenhuma

Neil Gaiman é o autor de mais de vinte livros para adultos e crianças, todos bestsellers, entre eles *O mistério da estrela: Stardust*, *Coraline* e *O livro do cemitério* – publicados no Brasil pela editora Rocco –, e de dois episódios da série *Doctor Who* (“A esposa do Doutor” e “Pesadelo prateado”). Ele já recebeu vários prêmios literários e tem quase dois milhões de seguidores no Twitter: @neilhimsself.

Nascido e criado na Inglaterra, ele mora nos Estados Unidos com sua mulher, a estrela do rock Amanda Palmer. É professor do Centro de Letras e Artes do Bard College. O cabelo dele é ridículo.

Título Original
The Eleventh Doctor:
NOTHING O'CLOCK

Copyright do texto © Neil Gaiman e BBC Worldwide Limited, 2013

BBC, DOCTOR WHO (título, logomarca e produtos derivados) TARDIS, DALEKS, CYBERMAN e K-9 (título, logomarca e produtos derivados) são marcas registradas da British Broadcasting Corporation e foram usadas mediante licença.

Logomarca BBC © BBC, 1996

Logomarca Doctor Who © BBC, 2009

Licenciada por BBC Worldwide Limited

O direito moral do autor e dos detentores dos direitos autorais foi assegurado.

“Primeira publicação desde livro em 2013 por Children’s Character Books Ltd com o título *The Eleventh Doctor: NOTHING O'CLOCK*, publicado mediante licença da Children’s Character Books Ltd, companhia criada em associação pela Penguin Books Limited e pela BBC Worldwide Limited”

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Preparação de originais
REGIANE WINARSKY

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI

Edição Digital: agosto 2014

G134h

Gaiman, Neil, 1960-

Hora nenhuma [recurso eletrônico] / Neil Gaiman ; tradução Renata Pettengill. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014.
recurso digital (Doctor Who ; 11)

Tradução de: Nothing o'clock

ISBN 978-85-8122-414-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Pettengill, Renata. II. Título. III. Série.

14-12545

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.